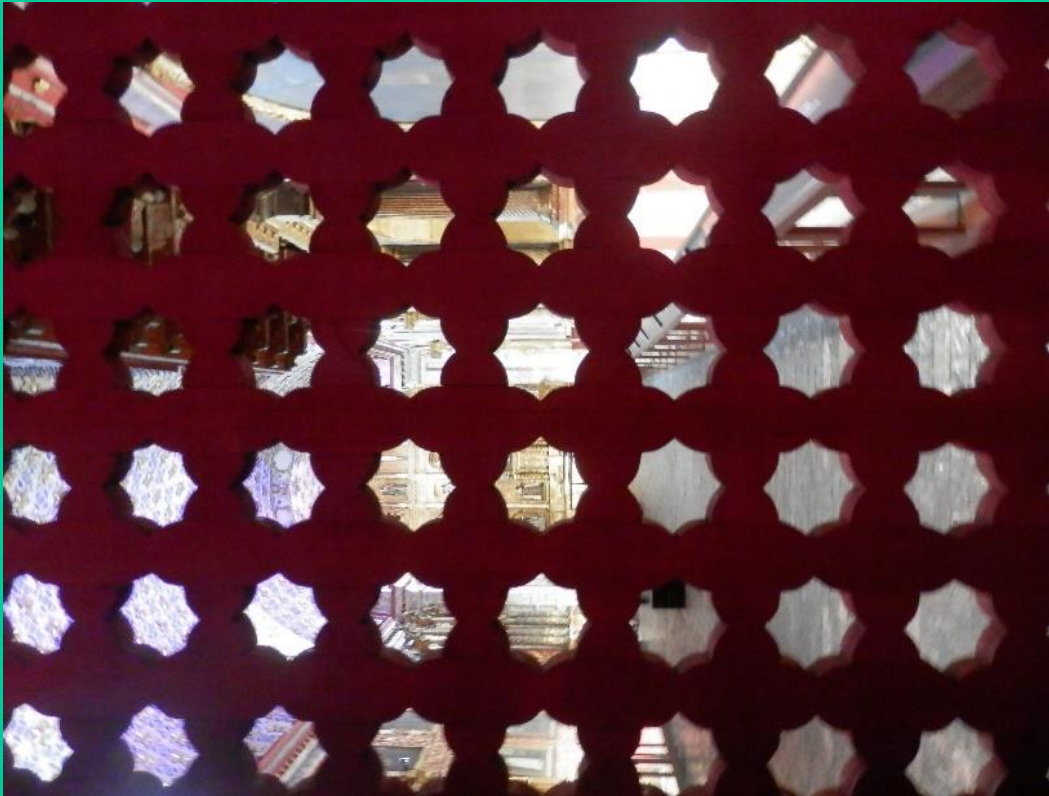


Ainda Bogotá



E lá continuamos nós por Bogotá, guiados por Juan Carlos. Haveria muita coisa a contar, mas vou me concentrar em alguns pontos e, especialmente, em dois museus magníficos e muito diferentes entre si.

Por ele, o Juan Carlos, teríamos visitado, além desses dois e Museu del Oro, outros tantos, que ele ia enumerando e dando as qualidades de cada um, mas usamos muito do nosso tempo na cidade, andando pelas ruas, observando as pessoas, as construções, os tipos de comércio, uma mescla de formalidade e informalidade. Gostamos de ver a vida, no seu cotidiano, sobretudo em ruas onde os turistas não costumam ir.

Ainda no primeiro dia em Bogotá, mal saímos do Museo del Oro, sobre o qual já escrevi um pouco em outro capítulo deste diário à Colômbia (, aqui, a foto da fachada), deparamo-nos com a praça, que leva, embora não seja grande, o nome de Parque Santander.



Havia gente que vendia de tudo, desde água gelada, passando por cestas e chegando a esmeraldas. Outros ofereciam passeios de van e, o que me pareceu, passes para andar de transporte coletivo.

Embora aí, nessa praça, esteja o museu mais importante da cidade, visitado por gente do mundo todo, não se pode dizer que esse espaço público seja essencialmente um lugar turístico, porque a predominância de transeuntes era de famílias, menos abastadas, que perambulavam pela área e, daí, com suas crianças, seguiam pelas ruas, principalmente as Carreras 7 a 10 e suas transversais, entrando e saindo de lojas populares.

A duas quadras da praça, estavam as casas especializadas em roupas para casamento – venda e aluguel. Um pouco mais adiante, muitas outras especializadas em roupas de crianças. Eram inúmeras as galerias que vendiam de tudo um pouco, maquiagem, brinquedos, bijouterias, artesanato de todo canto, roupas e sapatos. Pelo que observei eram importados, legal ou ilegalmente, suponho, vindos da China.

A mim, encantaram as placas em azulejo, onde se informa o nome das vias, hoje todas nomeadas por números; atrai-me, sobretudo, esta vida urbana que marca os centros principais das cidades, mesmo que eles tenham, na América Latina, perdido muito de seus papéis em favor de novas áreas comerciais e de serviços mais modernas.

O grande painel em homenagem a Gabriel Garcia Marquez pode ser visto de longe e mostra o quanto o laureado escritor colombiano é reverenciado em seu país.



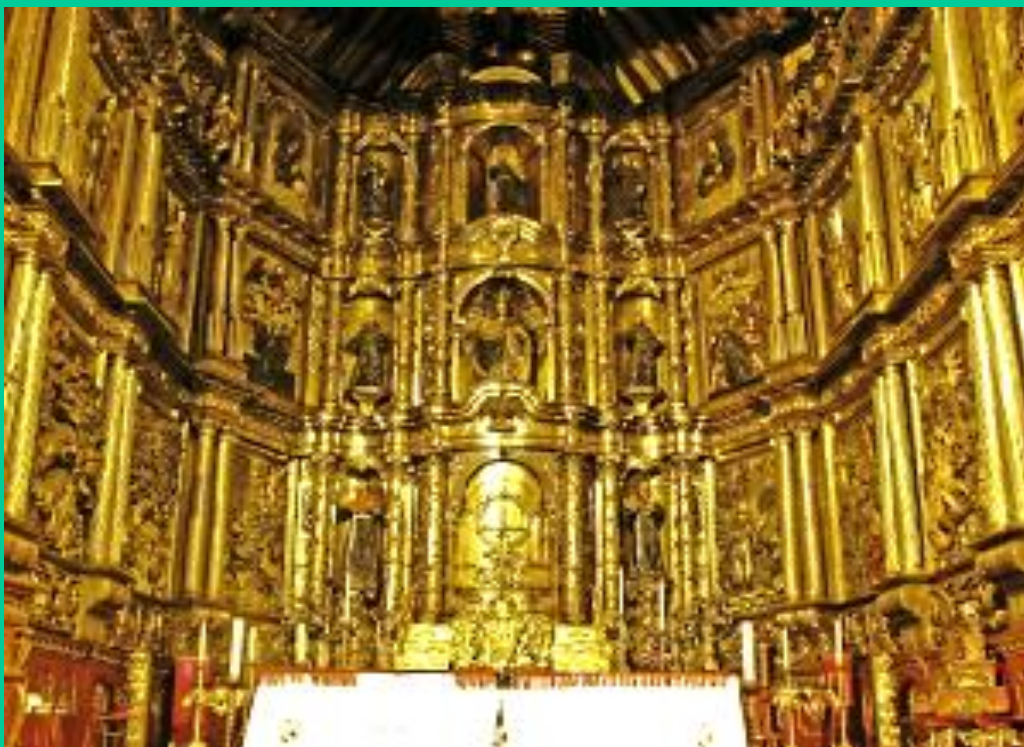
Na posição da norte da praça, que chamam de parque, está o prédio mais elevado do centro de Bogotá. Quando foi construído, era o mais alto da cidade e ainda é imponente na paisagem urbana deste centro histórico e principal, mesmo que a verticalização não seja tão intensa aí, como nos chamados novos centros. É conhecida como Torre Avianca, pois aí está a sede desta empresa. No seu térreo, está o Museo de la Esmeralda, um dentre os muitos que Juan Carlos queria que conhecêssemos, mas não chegamos a entrar.



Na porção oeste, está a pequena *Iglesia de San Francisco*, que foi contruída entre 1557 e 1661, e é a mais antiga entre as que remanescem do período colonial. Na fachada externa, o predomínio das pedras que compõem certa unidade com o prédio lindeiro, chamado *Palácio de San Francisco*, é quebrado pelo branco da parte superior da torre; dentro, há um altar em ouro, do século XVII, considerado a maior e mais elaborada obra deste gênero na Colômbia.



Fonte: <http://www.colombia.travel/es/a-donde-ir/andina/bogota/actividades/conoce-la-iglesia-de-san-francisco>



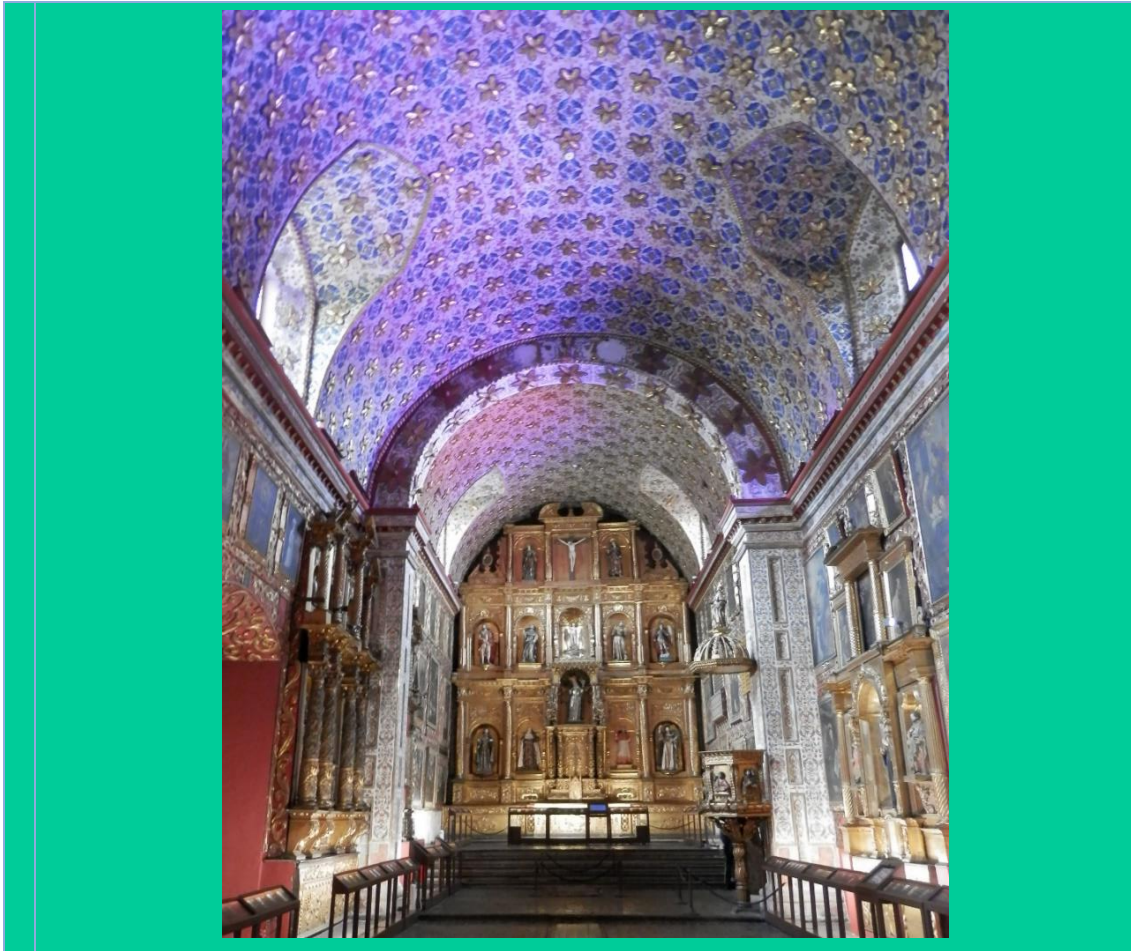
Fonte: <https://artecolonial.wordpress.com/tag/san-francisco/>

O valor histórico desta edificação é incontestável, face à sua longevidade, mas do que mais gostei, no que toca ao patrimônio colonial colombiano, foi da Iglesia Museo de Santa Clara. O nome já diz: foi uma igreja e hoje é um museu administrado pelo Ministério da Cultura e é uma verdadeira jóia.

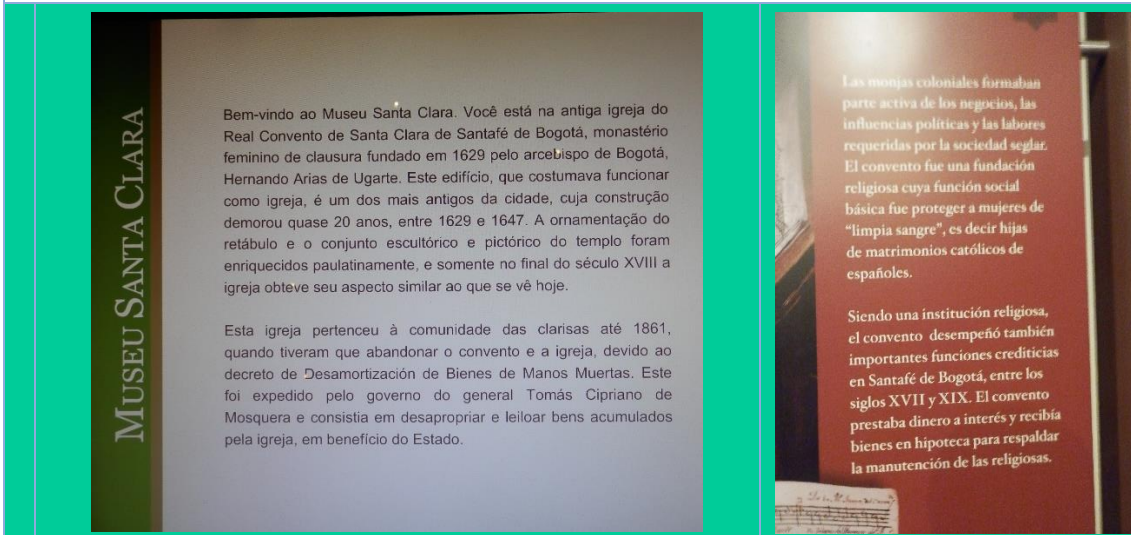
A igreja foi construída entre 1629 e 1674, com uma nave única, cuja abóboda é coberta de estampas florais douradas e as paredes têm, segundo o guia, 148 pinturas e esculturas de santos. Tudo que adorna este ambiente é delicado e de bom gosto e o dourado quebra o ar taciturno que as construções coloniais guardam. Por fora, chega a ser um prédio austero, mas por dentro é gracioso e rico. A primeira foto extraí da wikipédia, as duas seguintes, que retratam o espaço

interno, fui eu quem fiz e estão muito aquém da maravilha de bem estar que se sente neste ambiente. A museologia também é muito elaborada e didática.





As fotos que fiz de dois painéis que nos orientam, na visita a este museu espetacular, ajudam a compreender o que foi este prédio no passado (se for preciso dê um zoom na imagem).



Gostou da expressão “mujeres de limpia sangre”? isso quer dizer que os conventos para as pobres, bastardas e índias eram outros, o que ajuda a entender a riqueza da decoração interna. A explicação contida na Wikipédia é também muito esclarecedora:

La construcción tanto de la iglesia como del convento fueron auspiciadas por el arzobispo de la ciudad, Fernando Arias de Ugarte, quien realizó las gestiones pertinentes para fundar en la ciudad de Santa Fe el tercer convento femenino y el cuarto de clarisas del Nuevo Reino de Granada, esto con el fin de albergar en su recinto a las doncellas y viudas santafereñas bien fueran criollas o venidas de la península ibérica. En medio de la construcción del convento, el 7 de enero de 1630 el pueblo santafereño fue partícipe de la solemne procesión que partiendo de la iglesia del Carmen llegó hasta las puertas del convento de Santa Clara con las primeras 24 religiosas que allí tomarían los hábitos. Con este acto se abrieron las puertas del convento de Santa Clara como convento de clausura.

El convento de Santa Clara, como lugar de clausura, recibió a muchas de las mujeres que residían en Santafé, albergándolas hasta su muerte. En el periodo colonial (siglos XVI al XVIII) las mujeres comúnmente eran entregadas por sus padres como monjas. Por aquel entonces era costoso casar a una hija, puesto que los padres de la mujer eran quienes corrían con los gastos de las ceremonias, así como con la llamada “dote”: una suma de dinero y bienes que se entregaban al futuro esposo para la manutención de ella. Por esta razón las familias que contaban con dos o más hijas, y pocos recursos económicos, preferían enviarlas al convento, evitando asumir los gastos que acarrearía un matrimonio

Fotografando a nave principal da igreja, atrás de um painel de influência árabe que está colocado ao fundo dela, e que reproduzi no caput deste texto, posso imaginar o que terá sido a vida de enclausuramento neste convento, com estes anjinhos vigiando todo o tempo. Se você que está lendo este texto é uma mulher, consegue se imaginar vivendo aí?



A fachada do Teatro Colón é bonita, mas o prédio quase passa despercebido na Calle 10, porque a imponência da fachada é proporcionalmente maior que a largura da rua (isso mesmo, imponência também se pode comparar com metros) e porque o menino, vendo-me com a máquina fotográfica na mão, pediu que fizesse uma foto. Ainda que a mãe tenha ficado muito brava com o pedido, ele ensaiou uma pose.

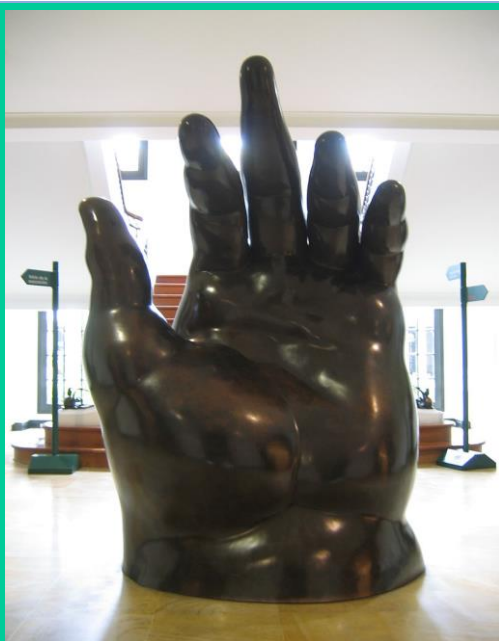


Andando pelas ruas lindas ao teatro e, ao mesmo tempo, lendo o guia Lonely Planet, deparei-me com uma dupla recomendação: olhar para o chão, de modo a evitar os bueiros sem tampa e os cocôs de cachorro e, ao mesmo tempo, olhar para o alto e observar os testemunhos do projeto do artista Jorge Olavé, que esculpiu

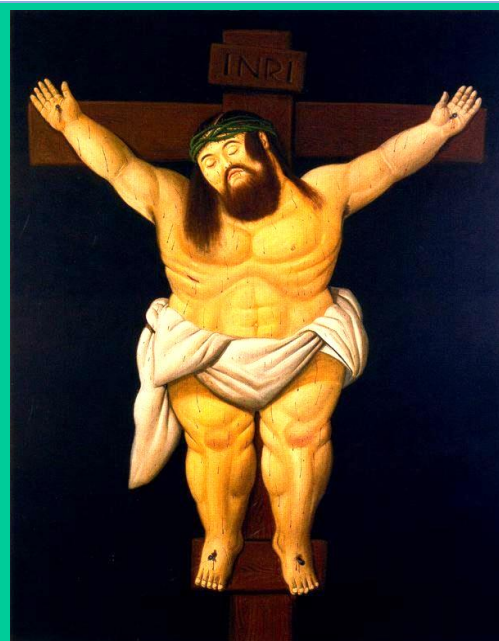
com materiais reciclados, várias estátuas verdes que representam comuneros (cidadãos), olhando a cidade do alto.



Mais um pouco e chegamos ao Museo Botero, instalado numa edificação quadrangular que, à moda árabe, ergue-se em torno de um pátio central, extremamente agradável numa manhã quente. As esculturas e pinturas do maior artista plástico colombiano foram doadas por ele mesmo, junto com outras obras primas de seu acervo particular, de autoria de Picasso, Chagall, Renoir, Monet, Miró e Dalí. E precisava mais o quê para fechar com chave de ouro a visita a Bogotá? Entre as obras mais importantes que vi neste museu, destaco: a famosa escultura da mão, que está logo no hall de entrada, seu Cristo gordinho como todos os personagens que inventa, o casal que dança lepidamente, apesar do peso, e a sua versão da Monalisa.



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_Botero



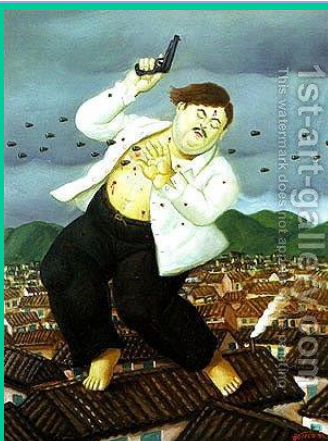
Fonte: <https://www.tripadvisor.com.br/>



Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+das+obras+de+fernando+botero>

Fernando Botero nasceu em Medellín, em 1932, e viveu em Florença, Madri, Nova York e Paris, tanto para aperfeiçoar suas técnicas, como para fazer exposições que o transformaram num dos artistas plásticos mais valorizados do período contemporâneo. Está vivo ainda (que ótimo!) e, hoje, mora no Mônaco, segundo Juan Carlos, que tudo nos explica sobre sua terra. O artista também passa alguns meses no ano em Nova York, onde tem um apartamento, e em sua casa de campo em Antioquia, na Colômbia.

Reproduzo mais algumas obras de arte dele, para você, leitor, se deliciar, me dando o direito de nem colocar os *sites* de onde retirei estas imagens. Tem algo mais latinoamericano que este modo de representar as pessoas?



A morte de Pablo Escobar



Quarto com leito



Homem com violão

Carminha Beltrão
Janeiro de 2018